

Artigos

Tempos de mudança no Mundo Árabe

Antonio Patriota

As manifestações no Oriente Médio e no Norte da África, que vêm sendo chamadas de "Primavera de Jasmim", têm colocado o Mundo Árabe em evidência e despertado interesse mundial nos últimos meses. Para nações como o Brasil, que tem “estendido a mão aos países da região”, as manifestações geram o desafio de compreender os processos que se desenvolvem em um ambiente multiforme. Está no Brasil a maior comunidade árabe fora do Oriente Médio. Mais de dez milhões de brasileiros possuem ascendentes na região. A imigração árabe para o Brasil iniciou-se há cerca de 130 anos, mas a influência árabe na nossa cultura é mais antiga, e chegou-nos por intermédio da Península Ibérica. O Brasil tem buscado, por diversos meios, aproximar-se dos países árabes e estabelecer mecanismos de interlocução privilegiada e cooperação com aquela região.

As revoluções árabes e a comunicação digital

Andrew Puddephatt

Os meios de comunicação social por si só não foram os responsáveis pela onda de mudanças no mundo árabe, mas eles ajudaram a catalisar o descontentamento que estava crescendo, principalmente entre estudantes universitários e jovens em geral, em centros urbanos. Ao oferecer constantemente novas observações e informações obtidas através de canais de notícias independentes de TV como Al-Jazeera para seus usuários, os meios de comunicação social têm sido fundamentais para garantir a liberdade de expressão aos cidadãos, para ajudá-los a organizar manifestações contra os governos. O trabalho conjunto dos meios de comunicação tradicionais e digitais tem sido uma das razões para o sucesso das revoluções árabes.

Movimentos contra o autoritarismo

Affonso Celso de Ouro Preto

Como em todos os movimentos históricos de grande dimensão, seria difícil tentar explicar o protesto geral a que assistimos, hoje, atribuindo-lhe uma só causa ou mesmo uma causa prioritária. Em primeiro lugar, certamente, existem causas econômicas e sociais. O fim da Guerra Fria acentuou a mudança de modelos econômicos. A economia de mercado, o fim ou a diminuição de subvenções para a alimentação contribuíram para acentuar, no curto ou médio prazo, as já existentes diferenças de distribuição de renda. A grande crise de 2008 também repercutiu na região. O desemprego e a falta de perspectivas, particularmente para os mais jovens, marcam sociedades com altas taxas de natalidade, gerando ou acentuando um crescente sentimento de insatisfação. Em segundo lugar, as crises de hoje expressam também ou ainda mais, uma profunda insatisfação política. Os regimes árabes, na sua quase totalidade, constituem ou constituíram, até as presentes revoluções, regimes autoritários.

Desmistificando a Primavera Árabe

Analisando as Diferenças entre a Tunísia, o Egito e a Líbia

Lisa Anderson

O mais importante na história das revoltas árabes de 2011, na Tunísia, no Egito e na Líbia, não é a forma como a globalização das normas do engajamento cívico moldou as aspirações dos manifestantes. Tampouco é a forma como os ativistas usaram a tecnologia para compartilhar ideias e táticas. A questão crucial é como e por que essas ambições e técnicas ressoaram em seus diversos contextos locais. Os padrões e a demografia dos manifestantes eram altamente variados. As manifestações na Tunísia giravam em torno do capital das áreas rurais negligenciadas. No Egito, pelo contrário, foram jovens urbanos e cosmopolitas das principais cidades que organizaram a rebelião. Na Líbia, bandos desorganizados de rebeldes armados nas províncias orientais deram início aos protestos, revelando as rixas tribais e regionais que assolam o país há décadas.

A Primavera Árabe no *Machreq, Maghreb e Khalíj*: motivações e perspectivas

Paulo Daniel Farah

As recentes manifestações de protestos no Machreq, Maghreb e Khalíj envolvem reivindicações políticas, sociais e econômicas que revelam a esperança de novas primaveras de autodeterminação após as lutas pela independência nos séculos XIX e XX, bem como crescente insatisfação com os regimes que têm prevalecido nas últimas décadas. O desemprego entre os jovens, a corrupção, a pobreza, a inflação, a exclusão social, a repressão violenta e a urbanização descontrolada estão entre as principais razões para as revoltas. Olhando para o futuro, há uma perspectiva esperançosa de uma relação mais intensa entre países árabes e o Brasil, um país que conseguiu substituir uma ditadura por uma democracia.

Difusão de poder como questão de governança global

Lourdes Sola

O artigo trata, entre outras questões, das implicações do processo de difusão de poder no plano internacional, um dos temas e problemas que a crise de 2008 trouxe para o centro do palco. Aponta, também, alguns dos limites do modelo de interação entre o “Norte” e o “Sul”. Fala de um novo tipo de consenso político-econômico, sem precedentes históricos: a inclusão de *vários* poderes emergentes “do Sul” nos processos decisórios e nas arenas relevantes. Basta comparar o cenário pós-2008 com as conjunturas críticas internacionais nas quais uma reestruturação de alcance sistêmico esteve em pauta - na esteira da crise de 1929 e em 1944, quando dos acordos de Bretton-Woods. Essa é uma “grande transformação”. Antes, à periferia do capitalismo coube participar dos novos regimes internacionais, monetário e regulatório na condição de *rule-takers*, por contraposição ao universo restrito dos *rule-makers* – situados no Atlântico Norte.

O Controverso caso da Resolução 242 (1967) do Conselho de Segurança

Eduardo Uziel

A Resolução 242 (1967) do Conselho de Segurança, adotada em 22/11/1967, por unanimidade, é o credo de Niceia do processo de paz no Oriente Médio. Todas as mais importantes resoluções aprovadas pelo CSNU sobre o tema fazem referência e, por vezes, reafirmam, a decisão de 1967. Os acordos assinados entre Israel e Egito, Israel e Jordânia e Israel e a Organização para a Libertação da Palestina e o convite para a conferência de Madri (1991) também se colocam no marco da decisão tomada pelo Conselho poucos meses após a Guerra dos Seis Dias. A Resolução é tão relevante porque enuncia os princípios para a construção da paz e lista obstáculos que devem ser superados para pôr fim aos atritos na região. Mas a Resolução 242 também é interessante como instrumento de estudo da dinâmica política e das práticas do Conselho de Segurança. As resoluções do CSNU, em geral, refletem em seu texto as configurações de poder internacional, mediadas pelas particularidades de composição e procedimento do órgão.

Mercosul: da concepção à consolidação institucional

Fernando Collor

A despeito dos percalços naturais a todo projeto de construção de um mercado comum, pode-se dizer que o Mercosul já adquiriu uma dinâmica própria, cumprindo seu papel de tornar-se uma plataforma de inserção da região na economia mundial e um instrumento de aproximação não apenas dos governos, mas também das sociedades de seus Estados Partes. Entre as principais características do bloco estão a flexibilidade e a evolução, num processo de crescimento institucional. O bloco sempre conseguiu avançar, superar-se e reinventar-se, e, mesmo quando enfrentou percalços, jamais perdeu sua força simbólica como projeto estratégico de integração. O fato é que o Mercosul rompeu com uma tendência histórica de malogro nos esforços de integração regional.

Uma perspectiva sobre o futuro do Mercosul

Félix Peña

Três lições podem ser tiradas nestes 20 anos de experiência do Mercosul: a primeira é que um espaço de integração entre países vizinhos é construído gradualmente; a segunda lição é que tal construção não se realiza com um projeto prévio. É feita sob medida; a terceira lição é a de que não é necessário construir uma aliança que seja exclusiva e excludente. Pelo contrário, a chave de sua eficiência e legitimidade social é

potencializar a capacidade de cada país membro no sentido de aproveitar ao máximo todas as oportunidades que percebam no cenário global. Integrar países é um exercício contínuo de tecer redes de interesses comuns. Isto não se consegue em um dia, em um ano ou em vinte anos. É uma tarefa que não tem um produto final, nem em termos políticos, nem econômicos. Também não tem um seguro contra o retrocesso, o esvaziamento ou o fracasso.

A solução de controvérsias no Mercosul

Alberto do Amaral Júnior

A realidade atual parece sugerir que os Estados Partes relutam em aceitar uma maior institucionalização do mecanismo de solução de controvérsias do Mercosul, o que afeta o fortalecimento da integração. Os Estados se apoiam no sistema de solução de controvérsias do Mercosul, quando eles acreditam que podem obter algum benefício. Se, pelo contrário, eles não entendem que o sistema os favorece, enfatizam as negociações diplomáticas. As empresas privadas podem negociar entre si, sem recurso às formas institucionais definidas pelo bloco. A razão para esse comportamento reside nos obstáculos impostos pelas instituições para o desempenho de atores não-governamentais. Devido ao processo de decisão, organizado em torno a consensos, com a ausência de órgãos supranacionais, os governos tornam-se os principais agentes de integração.

Fórum de CEOs Brasil-Estados Unidos: um balanço positivo dos trabalhos

Josué Christiano Gomes da Silva

O Fórum de CEOs Brasil-Estados Unidos se tornou uma ferramenta importante para facilitar o intercâmbio de informações e incentivar discussões bilaterais que lidam com a maneira pela qual os dois governos podem promover a indústria, o comércio e o investimento como rotas para o crescimento econômico e podem melhorar a competitividade através da inovação e do empreendedorismo. A conclusão do VI Encontro do Fórum coincidiu com a cúpula entre os presidentes Dilma Rousseff e Barack Obama, em março passado. O Fórum tem acumulado, em quase quatro anos de existência, um conjunto de recomendações e realizações só possível graças ao apoio de ambos os governos.

Reflexões do Sul após a visita de Obama -- A América Latina e os Estados Unidos frente a 2020

Sergio Bitar

A visita do presidente Obama ao Brasil, Chile e El Salvador em 2011 provocou um debate que devemos aprofundar. As reações preliminares, favoráveis e contrárias a sua presença, não captam bem, no entender do autor, a magnitude das mudanças globais em andamento. Também não inferem corretamente o tipo de relação que poderá ser produzida nesta década 2011-2020. O texto faz algumas reflexões sobre o novo contexto global no qual estas relações se desenvolveram, assim como o que podemos esperar do Norte e das áreas de colaboração que possam interessar aos latino-americanos. Os Estados Unidos não poderão subestimar os argumentos de uma região de mais de 500 milhões de habitantes, nem seus vínculos com uma população de origem latina que já ultrapassa 50 milhões no país. Dentro da perspectiva histórica das últimas duas décadas, ninguém pode negar que a América Latina tem hoje as melhores condições para tentar um novo salto. Obama também reconheceu este fato em seus discursos.

Reinicializando a relação Brasil-Estados Unidos

Susan Kaufman Purcell

É difícil prever se a melhora no relacionamento entre Brasil e Estados Unidos será mantida. Muito dependerá da evolução da situação internacional, bem como dos desenvolvimentos internos em cada país. Os próximos dois anos poderiam trazer mais mudanças para os Estados Unidos do que para o Brasil. Eleições presidenciais e parlamentares serão realizadas em novembro de 2012, nos EUA. O presidente Obama está buscando um segundo mandato. A reeleição de Obama ou a eleição de um republicano centrista em 2012, no entanto, por si só não mudaria radicalmente a política dos EUA para o Brasil. Se Obama ou um candidato do Partido Republicano vencer as eleições de 2012, a continuidade do bom relacionamento Brasil-EUA vai depender da

capacidade da presidente Dilma de manter sua abordagem pragmática em matéria de política externa, especialmente em relação aos EUA. Isso dependerá da situação econômica do Brasil. Se o País adotar uma posição mais ideológica, lembrando a abordagem da política externa de Lula, isso provavelmente seria visto pelos americanos como provocação ou hostilidade em relação aos EUA. Porém, haveria uma alternativa melhor: caso haja uma desaceleração econômica no Brasil, Dilma poderia usá-la para implementar as já mencionadas reformas necessárias para o País conseguir um crescimento econômico mais sustentável.

As empresas diante dos desafios ambientais do mundo

Horácio Lafer Piva

Como gerar produtos para o bem-estar das populações, considerada a possível finitude dos recursos naturais? E como lidar com uma média de consumo que cresce por padrões de países desenvolvidos, produzindo, conseqüente e perigosamente, cada vez mais lixo? Mesmo diante de um quadro preocupante de esgotamento iminente de ativos, a maioria dos países ainda tem baixo consumo. Entretanto, vários deles vem experimentando uma importante redistribuição de renda, o que tem seu sentido econômico, mas igualmente apresenta-se como uma ante-sala do colapso sem solução. É preciso investir em duas vertentes fundamentais: tecnologia e mudança de comportamento da sociedade, levando-a a prática do consumo consciente. A empresa é um polo catalisador, com grande poder de influência e capacidade de operar na mudança do modelo de consumo, de produção e, sobretudo, de inovação e pesquisa, em busca de caminhos que amenizem esses impactos e contribuam para a melhoria da gestão e consciência individual e coletiva.

Perspectiva nuclear pós-Fukushima

José Eli da Veiga

A tragédia de Fukushima inevitavelmente suscita mais preocupações sobre o uso de usinas nucleares para gerar energia. No entanto, também permite um raciocínio que vai contra essa tendência, como a desenvolvida neste artigo. Em abril de 2011, 64 novos

reatores nucleares estavam sendo construídas no mundo, inclusive um no Brasil, e 443 estavam operando em 15 países, entre eles o Brasil. Apenas cinco estavam em vias de ser desativados e 125 já tinham sido desligados. O fato é que, mesmo com a crescente oposição à energia nuclear em alguns países, em outros, será usada porque não há outra maneira de atender à demanda por eletricidade. Antes de Fukushima, pesquisas de opinião mostravam que a aceitação da opção nuclear subia. A energia nuclear pode continuar a contribuir para a carteira de energia do mundo desde que os seus três principais problemas sejam convenientemente abordados (elevados custos de investimento, segurança e não-proliferação de armas).

Aspectos Legais e Econômicos do Acordo de Facilitação Comercial da OMC

Leonardo Correia Lima Macedo

Paulo Costacurta de Sá Porto

O artigo discute os principais aspectos relacionados com o Acordo de Facilitação do Comércio na OMC, em especial, os artigos V, VIII e X do GATT. Tais artigos, que tratam de liberdade de trânsito, taxas e formalidades ligadas à importação e exportação, e de publicação e administração de normas comerciais, são fundamentais para a simplificação, harmonização, padronização e modernização dos procedimentos do comércio internacional. O autor destaca a importância da facilitação de comércio, mostrando suas principais vantagens, bem como algumas das dificuldades na implementação do Acordo de Facilitação do Comércio, até o momento. Além disso, mostra que, apesar das dificuldades na implementação do acordo, tem havido progressos significativos.

DIPLOMACIA JUDICIAL NO BRASIL E NO MUNDO

João Batista do Nascimento Magalhães

A globalização impõe aos Judiciários nacionais a constante interação com sistemas jurídicos estrangeiros. A internacionalização das operações do Direito levou à cristalização da diplomacia judicial como um campo específico das relações internacionais, distinto da política externa formulada pelos

Poderes Executivos. Ao enfatizar avanços político-institucionais do país, a diplomacia judicial pode constituir elemento de “soft power” e desempenhar papel positivo no processo de redefinição da inserção do Brasil no contexto internacional.

China e Índia – Protagonistas de um mundo em transformação

Roberto Teixeira da Costa

O novo ambiente mundial, desde a virada do século, deixa claro que estamos vivendo um período de grandes mudanças. O enfraquecimento do poder dos EUA como um líder na economia global, as dificuldades na consolidação da União Europeia como um peso político, a perda de importância relativa do Japão... tudo isso proporciona uma situação nova no tabuleiro do poder mundial. Sem mencionar o enfraquecimento do dólar como moeda de referência. Associada a esta situação, a China e a Índia emergem como protagonistas no mundo econômico, financeiro e político, e isso também acontece com alguns países emergentes, especialmente Brasil, África do Sul e México. Neste novo contexto, os países africanos, especialmente os subsaarianos, têm atraído maior interesse, como fornecedores de matérias-primas. Estes são necessários aos novos protagonistas na cena mundial, como China e Índia. As empresas deverão seguir os caminhos abertos por seus governos nos países subsaarianos para construir a sua presença na região.

Passagens

Warren Christopher (1925-2011), grande servidor público

Luiz Felipe Lampreia

O mundo na ficção

O Discurso do Rei

Filme de Tom Hooper, com Colin Firth e Geoffrey Rush

Marcos de Azambuja

Nixon na China

Ópera de John Adams, com libreto de Alice Goodman e direção de Peter Sellars
Carlos Eduardo Lins da Silva

O punho e a renda

Edgar Telles Ribeiro
Carlos Haag

Livros

Managing Multilateral Trade Negotiations: the Role of the WTO Chairman

Roberto Kanitz

Victor do Prado

O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro - 1944-2008

João Márcio Mendes Pereira

Alcides Ferreira

O dia em que adiaram o carnaval. Política externa e a construção do Brasil

Luís Cláudio Villafañe G. Santos

Boris Fausto

Exorbitant Privilege: The Rise and Fall of the Dollar and the Future of the International Monetary System

Eichengreen, Barry

Helga Hoffmann

Brazil and the United States – Convergence and Divergence

Joseph Smith

Angela Pimenta

The Icarus Syndrome: A History of Hubris

Peter Beinart

Flavia Sekles

The Violence of Peace

Stephen L. Carter

Denise Chrispim Marin

A Parceria Estratégica Sino-Brasileira:

Origens, evolução e perspectivas (1993-2006)

Oswaldo Biato Júnior

Amaury Porto de Oliveira

Inserindo o Brasil no mundo

Federação do Comércio do Estado de São Paulo (com introdução e conclusões de Mario Marconini)

José Augusto Coelho Fernandes

¡ Basta de Histórias !

Andrés Oppenheimer

Roberto Teixeira da Costa

Nationalism and Internationalism in the Post-Cold War Era

Kjell Goldman, Ulf Hannerz e Charles Westin (eds)

Claudia Antunes

Documentos

Relatório de Viagem a Cuba, de 28 a 30 março de 2011, apresentado ao The Carter Center

Jimmy Carter

Atlanta, Georgia, 1 de abril de 2011

Discurso do presidente dos EUA

Barack Obama

Teatro Municipal do Rio de Janeiro, 20 de março de 2011

Discurso de saudação ao Presidente Barack Obama

Dilma Rousseff

Brasília, 19 de março de 2011

Discurso de abertura do Segundo Congresso da Conferência Mundial sobre Justiça Constitucional

Antonio Cesar Peluso

Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 2011

Relatório final do Grupo Assessor Independente sobre Sustentabilidade do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID

Washington DC, janeiro de 2011